Cada um deve busca o seu lugar ao sol, mas sempre lembrando que se deve começar de baixo. O crescimento acontece, e é gradativo. Se quer ser grande, seja grande, mas tenha a paciência de enfrentar etapa por etapa, até o fim. Dessa forma, a juventude mudará o nosso pais, ou quem sabe, o mundo.

A oportunidade de estudar tal assunto foi muito válida e esclarecedora, porém, ainda são poucos os autores que tratam dele, por isso não é possível dar por concluído o presente estudo, abrindo espaço para que outros pesquisadores se aprofundem no tema, tragam novas descobertas e procurem de alguma forma tentar algo que solucione o problema.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Talita. 5 Jovens relatam por que abandonaram o ensino médio. Exame, 2017. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/4-jovens-relatampor-que-abandonaram-o-ensino-medio/> Acesso em: 14 jan. 2019.

ABRES - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTÁGIOS. Estudantes estagiários no Brasil. Disponível em: <http://www.abres.org.br/v01/dados-estagiarios-estudantesno-brasil> Acesso em: 8 jan. 2019.

BRASIL – MINISTÉRIO DO TRABALHO. Dados Abertos. 2017. Disponível em: <http://trabalho.gov.br/dados-abertos-mtb> Acesso em: 8 jan. 2019.

CAMARANO, Ana Amélia et al. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. Rio de Janeiro, Ipea, 2004, p. 1.

CASTRO, M. G., ABRAMOVAY, M. Por um novo paradigma de fazer políticas públicas — políticas de/para/com juventudes. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 19-46, jul./dez. 2002.

CERRATI, Mariana Kaipper. Jovens que não estudam nem trabalham: escolha ou falta de opções? Jornal El País, Brasília, 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/16/economia/1521229056_606414.html> Acesso em: 17 nov. 2018.

CORROCHANO, Maria Carla et al. Jovens e trabalho no Brasil: Desigualdades e desafios para as políticas públicas. São Paulo, Instituto IBI, Ação Educativas, 2008.

FANTINATO, Tania Mara. Formação docente para a diversidade. 1. Ed. – Curitiba, PR: IESD BRASIL S/A, 2014, p.77.

JORNAL NACIONAL. Dificuldades dos jovens em conseguir o primeiro emprego. Rede Globo de Televisão, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?-v=BKnOFc95Bco> Acesso em: 8 jan. 2019.

LUCAS, Ernani Diniz. Geração Nem-nem: Nem estuda, nem trabalha. Nanihumor, 2013. Disponível em: <http://www.nanihumor.com/search?q=gera%C3%A7%-C3%A3o+nem+nem> Acesso em: 17 jan. 2019.

MENEZES, Maiá. Desinteresse afasta jovem da escola. O Globo Digital, 2007. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/desinteresse-afastajovem-da-escola-4204782> Acesso em: 14 jan. 2019.

NERI, Marcelo et al. Equidade e eficiência na educação: motivações e metas. FGV – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, CPS – Centro de Políticas Sociais, 2007,

p.11. Disponível em: <https://www.cps.fgv.br/cps/simulador/site_cps_educacao/> Acesso em: 14 jan. 2019.

NEVES, Dulce Amélia. Ciência da informação e cognição humana: uma abordagem do processamento da informação. Ci. Inf., Brasília, v. 35, n. 1, p. 40 jan./ abr. 2006. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ci/v35n1/v35n1a05.pdf> Acesso em: 15/01/19.

PRATES, Alexandre. Os 3 “Is” da nova geração. Catho Online, 2013. Disponível em: <https://www.catho.com.br/carreira-sucesso/colunistas/convidados/os-3-is-danova-geracao/> Acesso em: 22 jan. 2019.

SERRA, Dayse Carla. Gênero Teorias e Práticas da Psicopedagogia institucional. 1.ed., rev. – Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012, p. 88.

SIÉCOLA, Marcia. Legislação Educacional. 1. Ed. – Curitiba, PR: IESD Brasil, 2016, p. 47.

ALFABETIZAÇÃO DENTRO DE UMA PROPOSTA SÓCIO INTERACIONISTA

NELITA APARECIDA DOS SANTOS GUILHERMINO

Resumo:

Este artigo tem como finalidade compreender as estratégias realizadas por Vygotsky e seus seguidores para estudarem o desenvolvimento das capacidades intelectuais superiores do homem, acreditando que a linguagem atuaria como o principal fator para que esse desenvolvimento ocorresse.

Analisando a linguagem como um conjunto de símbolos com caráter histórico e social enfatizou a importância da informação e da interação linguística para a construção do conhecimento. Nessa perspectiva enfocamos algumas dicas de estratégias para auxiliar o professor em sala de aula .

Palavras-chave: ler; escrever; dificuldades e sugestões.

INTRODUÇÃO

Esse tema é de grande relevância para todo profissional que deseja obter maiores informações sobre o assunto abordado, e acredito que esse artigo possa sanar as dúvidas de muitos educadores. Desde muito cedo me debruço sobre a área da educação e acredito ser de suma importância a pesquisa de Vygotsky e seus seguidores para estudarem o desenvolvimento das capacidades intelectuais superiores do homem. Assim, o tema abordado – Alfabetização dentro de uma proposta sócio interacionista - tem como objetivo mostrar a importância da leitura no processo de alfabetização para crianças das séries iniciais do ensino fundamental, busca ainda apontar caminhos que possam contribuir com o desenvolvimento da aprendizagem, utilizando a leitura como ferramenta fundamental. Deve-se considerar que é usado a língua em situações comunicativa que a criança termina por descobri-la e reconstruí-la como sistema. Portanto, ela deve ser apresentada de forma contextualizada, para que, por meio de sua utilização, a criança venha a dominá-la, e a perceber sua manifestação, lúdica e simbólica. Segundo Maria Fernandes Cócoo, Aprender a ler e escrever é apropriar-se do código lingüístico, é tornar-se um usuário da leitura e da escrita. Para tanto foi realizada pesquisa bibliográfica e experiências em sala de aula

Ler e escrever num mundo em transição: nos primórdios da educação, percebe-se que a mesma era enfatizada com cópias e decoração, como métodos de aprendizado. No entanto, na década de 1970 com as pesquisas de Ana Teberosky e Emília Ferreiro, a situação começou a mudar. De acordo com as autoras, a criança estabelece muito cedo hipóteses em relação à escrita, (primeiro acha que podemos "ler" desenhos; depois percebe que as letras existem para esse fim; e por último compreendem como usar essas letras para escrever). Dessa forma se faz necessário compreender que é primordial dar espaços para que as idéias dos alunos evoluam e precisam reproduzir e mostrar o que já sabe.

Sabemos que leitura e escrita são instrumentos básicos para o ingresso e participação na sociedade letrada em que vivemos e que por meio dela o homem se torna um ser global, simbólico, social, um cidadão com o domínio dos símbolos da comunicação humana. Dai a preocupação com alfabetização dentro de uma proposta sócio interacionista.

O alfabetizador considera sua tarefa cumprida quando termina o conteúdo. Geralmente, isso ocorre quando se chega ao fim do livro didático, o qual, independentemente de seu método a partir de uma linguagem tradicional (vovô viu a uva) e de um repertório controlado ("bala, bola, bebê..."), representa um processo pedagógico em que ler é sinônimo de decodificar e escrever, de copiar. (sic).

O educando está alfabetizado quando decifra mecanicamente a correspondência entre grafemas e fonemas e executa cópias. Esse tipo de trabalho não oferece condições para que o professor possa questionar os motivos pelos quais alguns alunos conseguiram conquistar a linguagem e outros não. Não há um entendimento sobre como a criança se relaciona com o objeto da aprendizagem, que é a língua.

Essa dificuldade de entender o processo de ensino-aprendizagem faz com que o educador não tenha como avaliar seu trabalho, buscar o porquê, uma maneira de intervir e propor soluções para atingir de forma consciente a reconstrução do código lingüístico.

No entanto, Quando a criança está exposta a um meio global no qual a comunicação através da escrita é funcional, a aprendizagem da leitura e da escrita pode ser considerada como um resultado natural – processos naturais de pensamento e aprendizagem.

Acreditamos que nessa situação, a influência do professor na aprendizagem da escrita e da leitura é primordial, Visto que o papel do professor no processo de construção consiste em facilitar a troca de experiências entre as crianças, responder às perguntas, propor situações concretas de escrita e leitura. Para tanto, se faz necessário ter a convicção de que as crianças podem e sabem escrever; Promover e facilitar as produções sem interferir nas correções ou opiniões a respeito dos possíveis "erros" infantis; Aceitar todas as respostas como válidas, deixando que os membros do grupo-classe resolvam entre diferentes alternativas; Participar dando respostas com o objetivo de esclarecer o que as crianças estavam fazendo ou pensando; "Ressaltar" as opções que permitem fazer avançar as concepções das crianças; Todo tipo de atividade ou atitude deve ser discutida com o grupo-classe: copiar perguntar, ditar, olhar as produções dos outros, corrigir as próprias ou as alheias, ou inclusive declararse inibido para realizá-las.

O professor programará as atividades com a turma, permitindo a troca de experiência, pois com esse instrumento de socialização, poderá perceber o que cada um sabe, contribuindo na construção conjuntiva.

Assim podemos dizer que a construção da escrita pode ser resultado de uma

tarefa coletiva, determinada, por um lado, pelos níveis de conceitualização das crianças e, por outro, pelas informações específicas solicitadas.

A leitura e escrita no processo de ensino- aprendizagem: Aprendizado ou aprendizagem é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes e valores a partir de seu contato com a realidade, com o meio ambiente e com as pessoas. Para Vygotsky, a idéia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo – isto é, a relação entre aquele que aprende e aquele que ensina. Em outras palavras, o aprendizado ocorre na interação social. Ele dá relevante importância ao papel do outro no desenvolvimento dos indivíduos, pois considera que um indivíduo só se desenvolve em relação ao ambiente cultural em que vive com o suporte de seu grupo de iguais. Essa visão vem de encontro com a visão da Emília Ferreiro: Sabemos perfeitamente que o conjunto de conhecimentos que um indivíduo adquire no curso de seu desenvolvimento depende das exigências do meio cultural em que cresce. (Ferreiro, 2001, pg 57)

Dessa forma também acreditamos que a criança que tem contato com materiais pedagógicos e escritos no seu cotidiano, sua bagagem será mais rica em relação a leitura e escrita, podemos contribuir ricamente com esse grupo escolar que está inserida.

Vygotsky aponta para o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal como básico para entender as relações entre desenvolvimento e aprendizado, colocando que é no âmbito dessa zona proximal que pode ocorrer à aprendizagem, referindo-se, principalmente, à construção de um conhecimento que se dá quando um adulto desafia o aprendiz com questionamentos ou pequenos problemas levando o mesmo a um desempenho além do que sua estrutura de pensamento. Salienta também, a importância da linguagem e do "outro" (colega/adulto) para essa construção. Nesse sentido, afirma que o conhecimento é construído pelo sujeito (aprendiz) em interação com o meio social em que vive, desenvolvendo, ao mesmo tempo, sua inteligência. É através de sua bagagem, do seu cotidiano, resolvendo questões, descobrindo, tentando, fazendo inferências, pensando e representando que o sujeito epistemológico (o sujeito que pretende) chega ao conhecimento. Nessa visão de pensamento Vygotsky delega ao educador o papel de interventor, desafiador, mediador e provocador de situações que levem os alunos a aprenderem a aprender.

O trabalho didático deve, portanto, propiciar a construção do conhecimento pelo aluno. Aprender é de certa forma, descobrir com seus próprios instrumentos de pensamentos conhecimentos institucionalizados socialmente.

Vygotsky enfatiza o fato de que, para compreendermos adequadamente o desenvolvimento de um indivíduo, devemos considerar também seu nível de desenvolvimento "Real" e "Potencial". Caracteriza como Zona de Desenvolvimento Real a capacidade que o indivíduo já adquiriu de realizar tarefas independentemente. Esse nível caracteriza o desenvolvimento decorrente de etapas já alcançadas, já conquistadas pelo indivíduo e, no caso das crianças, as funções psicológicas já consolidadas.

É preciso também considerar a Zona de Desenvolvimentos Potencial, que é caracterizada por Vygotsky como sendo a capacidade que o indivíduo tem para desempenhar tarefas ou atividade com a ajuda dos adultos ou colegas mais capazes. Esse nível de capacidade é constituído por aspectos do desenvolvimento que, num determinado momento, está em processo de realização.

É manifestado, na escola, quando o aluno não consegue fazer sozinho as atividades propostas, podendo executá-las com a intervenção do professor ou de um colega.

Existem tarefas que uma criança não é capaz de realizar sem que alguém lhe dê instruções, forneça pistas ou dê assistência durante a realização das mesmas. Com essa intervenção, a criança alcança resultados mais avançados do que aquele que conseguiria se realizasse a atividade sozinha. Essa intervenção é fundamental, na teoria de Vygotsky, para a criança aprender.

Assim, a idéia de desenvolvimento potencial representa um momento no qual não só as etapas já alcançadas se manifestam, mas também as etapas posteriores, sendo que a interferência de outras pessoas irá afetar, significativamente, os resultados da ação do sujeito.

Essa capacidade de beneficiar-se de uma colaboração de outra pessoa só ocorre num certo nível de desenvolvimento, nunca antes.

Assim, uma criança de cinco anos é capaz de construir uma torre de cubos sozinha, uma de três anos só fará com a ajuda e uma criança de um ano não conseguiria construí-la, nem mesmo com a ajuda.

Portanto, não é qualquer indivíduo que pode, a partir da ajuda do outro, realizar qualquer tarefa.

A partir das Zonas de Desenvolvimento Real e Potencial Vygotsky define a zona de Desenvolvimento Proximal como "à distância" ou o caminho que o indivíduo vai percorrer para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que, com a ajuda do outro, tornar-se-ão funções consolidadas e estabelecidas no nível de desenvolvimento real. Essas funções, em processo de maturação, são chamadas por Vygotsky de

"brotos" ou "flores" do desenvolvimento, em vez de "frutos".

Fatores de dificuldades na língua escrita: ao longo desse trabalho pudemos perceber e concordar com a citação de (Curi, 2002; Ide, 2002), que as dificuldades de aprendizagem se constituem como uma das áreas mais complexas de se conceituar em decorrência da variedade de teorias, modelos de definições que visam esclarecer esse problema. Logo, a heterogeneidade referida confere, por si só, grande complexidade ao estudo de tais dificuldades que, somada à realidade educacional brasileira, torna-se um grande desafio não só àqueles que fazem parte do sistema educacional, mas à sociedade como um todo. Embora a escrita seja uma habilidade de importância reconhecida, as crianças podem ter uma habilidade específica na escrita e manter salvaguardado o seu potencial cognitivo e, independente deste, lerem bem ou mal, o que dificulta uma avaliação adequada por parte daqueles que convivem com elas cotidianamente.

Independentemente do conteúdo abordado, sabe-se que a escrita é uma das manifestações mais antigas da humanidade. Partindo do pressuposto de que a escrita é um sistema de representação da língua e não uma simples transposição gráfica da linguagem oral. A criança deve passar por um processo complexo de compreensão do código lingüístico, compartilhado pela sociedade na qual se encontra inserida, conhecendo suas regras, especificidades e arbitrariedades, o que torna a compreensão desse processo imprescindível.

As pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1985) lançaram uma nova luz sobre as tentativas de se descrever as fases pelas quais as crianças passam durante a aquisição da escrita, ao tentarem compreender a psicogênese da linguagem escrita. Segundo as autoras, as crianças evoluem gradativamente no contato com os sinais gráficos, passando por quatro grandes níveis, pré-silábico; silábico, silábico-alfabético e alfabético.

Esse aspecto evolutivo da aprendizagem da escrita, relatado por Ferreiro e Teberosky (1985), que propõe dois modelos diferentes de explicação da escrita e que se apóiam na distinção entre o desenvolvimento cognitivo como um processo natural (interno) ou como um processo influenciado pelo ambiente e intervenções educativas (externo).

O erro, dentro dessa perspectiva evolutiva da aprendizagem da escrita, é considerado como algo inerente ao seu processo de construção e, portanto, como uma etapa do processo de apropriação do sistema ortográfico, podendo constituir-se como um indício do quanto à criança dominou o sistema ou como um sinal de algum tipo de dificuldade. Deve-se salientar, contudo, que embora os erros sejam parte integrante do processo de aprendizagem, eles não podem ser aceitos indiscriminadamente como algo que será seguramente superado, mas se constituírem como um alerta de que a criança precisa de uma assistência diferenciada (Schiavoni, 2004; 1998).

Este estudo corrobora o fato, já discutido anteriormente, de que o processo de construção da escrita segue uma escala evolutiva que tem seu início na construção da noção de letra e de seu valor, passando pela compreensão do fato das letras escreverem os sons e pelo domínio da posição da letra no espaço gráfico, dentro da palavra, da direção e linearidade da escrita. Posteriormente, a criança alcança a compreensão das diferenças entre os traçados das letras, a segmentação da escrita com exatidão e as correspondências quantitativas precisas entre os fonemas e as letras. Por fim, chega ao domínio da relação fonema-letra e representações múltiplas, que envolve habilidades que vão se desenvolvendo gradativamente.

O meio ambiente é um fator importante não só no processo de composição da escrita, mas para todas as aprendizagens do ser humano, o que demonstra a importância e, especialmente, a necessidade de sua consideração também no que concerne às dificuldades enfrentadas pelas crianças. Dentro dessa perspectiva, vários estudos têm sugerido que as crianças que freqüentam um ambiente familiar, escolar, social e economicamente favorecido apresentam condições mais adequadas ao aprendizado, em detrimento daquelas que não têm os mesmos privilégios. Também a atenção, a percepção e a memória são fatores imprescindíveis para a aprendizagem da escrita, não basta à criança somente perceber os estímulos, mas também que seja capaz de integrar as informações, com base em sua percepção para que, então, a aprendizagem e o armazenamento das informações que recebe na memória sejam possíveis. Assim será possível para a criança evocar os grafemas, fonemas e outras informações necessárias para que a escrita seja colocada em prática.

O que o professor precisa saber para atuar na abordagem sócio-interacionista: Para desenvolver uma proposta de alfabetização de crianças numa perspectiva construtiva sociointeracionista, o professor precisa saber como se processa a aquisição da língua materna pela criança dentro desta perspectiva; quais são os níveis psicogenéticos da escrita e da leitura pelos quais as crianças perpassam nesse processo; as formas de representações utilizadas como instrumentos pelas crianças – a fala, o jogo simbólico e o desenho; o papel do jogo simbólico e do desenho na alfabetização de crianças e o pensamento, as concepções e as implicações pedagógicas das teorias de Luria, Vygotsky e das descobertas de Emilia Ferreiro no processo de alfabetização de crianças.

A alfabetização começa no ventre da mãe, quando os pais nomeiam e conversam com o filho ou a filha ainda em gestação, colocando palavras e letras nesses diálogos informais e afetivos. (Emilia Ferreiro)

Ainda recém-nascida, os pais – os primeiros alfabetizadores – conversam, brincam e envolvem a criança no mundo mágico da linguagem, e logo ela se torna "falante". Como um "andaime", os pais e as pessoas que lidam com crianças pequenas vão lhes proporcionando as bases estruturais para pensar e observar o mundo à sua volta.

A cada dia, a criança vai se alfabetizando, buscando significados e respostas às suas curiosidades nesse processo que se prolonga por toda a vida e não só nos primeiros anos escolares. A alfabetização de uma criança vai além da aquisição da leitura e da escrita. Exige-se do alfabetizando um universo de conhecimentos, uma pluralidade de procedimentos, atitudes e valores que lhe permitam compreender e agir no mundo. O aprender da criança, na postura pedagógica condizente com o construtivismo, dá-se a partir de suas potencialidades, na interação com os outros e com seu meio social. Muitas vezes, o processo psicogenético da criança parece estar reduzido apenas ao campo do aprendizado e aquisição da língua materna. Entretanto, é preciso considerar que na construção do conhecimento existe uma psicogênese dos vários conhecimentos que vai além da aquisição da língua, quais sejam o científico, o matemático e até mesmo o da moral e da socialização. E isso acontecerá em um ambiente que propicie o desenvolvimento cognitivo, afetivoemocional, psicomotor, criativo, através da interação da criança com o seu meio, com as pessoas e com os objetos do conhecimento.

Para que a criança se desenvolva, a escola e o professor deverão proporcionar a ela um farto e variado material que envolva a escrita e a leitura, e permitir que ela produza escritas espontâneas, da maneira que pensa que deve ser escrita, de acordo com suas hipóteses, com a ausência de censura quanto ao "certo" e "errado".Assim, ao escrever espontaneamente, a criança pensa, analisa, descobre contradições e busca novos esquemas interpretativos. Contudo, o professor deve estar atento as suas transformações e desenvolver um método diferenciado para que a criança seja estimulada a aprendizagem.

Toda estratégia pedagógica, por mais adequada que seja se tornará mais eficaz com a ajuda dos pais.

Dicas e orientações cabíveis a serem trabalhadas em sala de aula: Não esquecendo que cada indivíduo é único e tem o seu momento de desenvolvimento e aprendizagem. Dessa forma entendemos que não há uma "receita pronta" de como abordar um conteúdo, sem perder o foco e alcançar o objetivo planejado. Assim salientamos algumas dicas exploradas cotidianamente em sala de aula.

A primeira ação é procurar conhecer cada um de seus alunos, caso suspeite de algum distúrbio cognitivo, o ideal é orientar os responsáveis para que procurem orientações médicas. Assim, o professor se sentirá mais seguro para agir, tendo a certeza de que os pais estão atuando com ele. Independente do diagnostico, é importante que o professor divida esse "problema" com a direção, coordenação e psicólogos da escola, pois estes serão úteis, desde que tenham o conhecimento do assunto abordado, caso o professor precise.

Dar atenção e perguntar para a criança qual é a forma mais fácil dela aprender. É fundamental para desenvolver uma estratégia diferenciada com ela, pois cada aluno é único, isso o torna especial.

Piaget aponta que "é necessário que todos os educadores dominem e tenham conhecimento profundo das teorias que explicam". Assim salientamos que se faz necessário o educador realizar uma pesquisa profunda sobre os pensadores da educação e o método que optou a seguir.

Para Delia Lerner, é função do professor intervir de maneira que " as crianças consigam ler por si mesmas, que progridam no uso de estratégias efetivas, em suas possibilidades de compreender melhor aquilo que lêem".

Ao instruir as crianças com a alfabetização é necessário que o professor se policie quanto ao vocabulário, atenção e persistência, repetir quantas vezes forem necessárias, pois nesse caso, o óbvio tem que ser ressaltado e enfatizado. Pode ser que não seja da primeira ou segunda vez que a criança compreenda os fonemas, as formas de escrita. É muito importante mantê-las sempre ocupadas, de preferência com atividades que lhes dêem prazer. Para tanto, torna-se fundamental que o professor conheça esses alunos, criando um vínculo afetivo, assim ficará mais fácil detectar o interesse de cada um. Dessa forma, enfrentarão um universo desconhecido onde tanto professor quanto aluno explorarão novas atividades e novos conhecimentos juntos. Pois o professor nesse caso será interacionista e terá que adaptar seu plano de aula aos interesses dos alunos, sem fugir da proposta pedagógica da escola.

No desenrolar das atividades é fundamental observar a expressão facial dos alunos, pois muitas vezes a expressão fácil é tudo, é através dela que percebemos se está aderindo ou não a proposta daquela aula. A transmissão da confiança é fundamental nesse processo, assim, torna-se fundamental o olhar nos olhos do aluno, para que o mesmo sinta-se pertencente ao grupo e não desvie

sua atenção da atividade. Alem disso estabeleça regras para que a criança sempre saiba o que fazer e até aonde ir.

.Fase pré-silábica: A criança produz riscos e/ou rabiscos. Esses rabiscos podem ser separados, ou ondulados e linhas retas e curvas. Nesse nível, a criança utiliza as letras convencionais ou outros símbolos quaisquer para escrever o que deseja. A criança identifica os nomes de coisas e pessoas de acordo com o seu tamanho.

Fase hipótese silábica: Nessa fase, se tem um grande avanço e é um dos mais importantes esquemas construídos pela criança, onde ela trabalha com hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala, onde, para ela, cada letra representa uma sílaba.

Hipótese silábica alfabética: É a transição entre a fase silábica e a alfabética. Ante os conflitos da hipótese silábicas alfabética, a criança sente uma necessidade de fazer uma analise que vai alem das silabas. Descobrindo que o esquema de uma letra para cada silaba não funciona, procura acrescentar letras a escrita de fase anterior, grafando algumas silabas completas, embora representem algumas por uma só letra. Ex: BO E CA (BONECA).

Escrita alfabética: É a fase final da evolução da criança. Ela venceu as barreiras do sistema de representação da língua escrita, tornando-se capaz de fazer uma análise sonora dos fonemas das palavras que escreve, mas nem todas as dificuldades foram vencidas.

Surgem então os problemas relativos a ortografias, problemas esses que o código sendo capaz de compreender cada um dos caracteres da escrita, corresponde a valores sonoros menores que a silaba.

A partir de Piaget, Vygotisky e Emilia Ferreiro, é possível compreender como se da o processo de alfabetização.

A aquisição da linguagem escrita pela criança na visão de Luria, Vygotsky, Emilia Ferreiro e colaboradores: É importante para nós educadores percebermos e conhecermos os pontos comuns, as semelhanças teóricas desses pesquisadores para podermos entender o processo de alfabetização das crianças numa perspectiva construtivista sócio-interacionista. Este suporte teórico é necessário para o desenvolvimento de nossa prática pedagógica na sala de aula. Apesar de cada teórico ter sua própria concepção quanto à aquisição da língua escrita, podemos observar que todos são construtivistas; partem de uma abordagem genética da escrita e preocupam-se com o seu processo de aquisição pela criança, que, acreditam, inicia-se muito antes de a criança chegar à escola e estende-se por muitos anos. Podemos, após vários estudos, considerar que esses teóricos somam se completam e se ampliam nas suas teorias.

As descobertas de Emilia Ferreiro e seus colaboradores, anunciadas a partir de 1979, trouxeram uma verdadeira revolução conceitual a respeito da evolução da escrita na criança. Foi quando também surgiu, no Brasil, um estudo mais aprofundado das teorias

psicogenéticas de Piaget, Luria, Vygotsky e Wallon, entre outros teóricos.

Em relação à escrita, Vygotsky , Emilia Ferreiro e Piaget têm muitos pontos em comum entre eles, podemos salientar que consideram a escrita como um sistema de representação da realidade, e o processo de alfabetização como o domínio progressivo desse sistema, que se inicia muito antes da escolarização. Vêem a alfabetização como um processo dinâmico e ativo e não como a mera aquisição de uma habilidade mecânica que permite fazer a correspondência letra-som.

Paulo Freire, (1987) chama a atenção do educador quanto a seu método de trabalho, enfatiza que é necessário relacionar teoria com prática, conhecer para ensinar, e o docente devendo assumir-se “como sujeito também da produção do saber, se convença

definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, P 1987, p. 24-25).

Já Luria, colaborador de Vygotsky, entre os demais de seu grupo de pesquisas, realizou um estudo experimental sobre o desenvolvimento da escrita. Sua pesquisa partiu de um grupo de crianças que não se encontrava ainda alfabético, propondo-lhes que repetissem uma série de sentenças ditadas por ele, em número maior do que as crianças pudessem memorizar, e repeti-las na ordem em que foram colocadas. Como a dificuldade dessas crianças era visível, Luria propôs-lhes, então, que escrevessem à medida que as falassem, para que pudessem lembrar-se delas posteriormente.

A partir dessa atividade, Luria pôde observar e desenhar o percurso que a criança percorre na aquisição da escrita, o que denominou pré-história da escrita. Descobriu que, primeiro, as crianças imitam os movimentos do adulto de forma mecânica, reproduzindo rabiscos sem nenhuma relação com as sentenças que ele ditava. Os rabiscos feitos pelas crianças não auxiliavam em nada para que as sentenças pudessem ser relembradas.

Com esses rabiscos, as crianças não conseguiam lembrar da seqüência das sentenças e tampouco do seu conteúdo. A esse tipo de grafismo, Luria denominou rabiscos mecânicos.

Num segundo estágio de evolução do grafismo, Luria observou que as crianças fa-

ziam uma espécie de mapeamento que lhes permitia relembrar o conteúdo, deixando marcas ou pistas que orientassem pela posição no espaço, chamadas por ele de marcas topográficas.

Num terceiro momento, as crianças se utilizavam de desenhos estilizados como forma de escrita. Nesse estágio, as crianças começavam a se preocupar com as diferenças de conteúdo das sentenças ditadas pelo pesquisador, atentando para o ritmo da fala; assim, faziam rabiscos ou marcas pequenas que para as frases curtas e rabiscos grandes para frases longas. As crianças preocupavam-se em distinguir, através de rabiscos, o conteúdo dito em relação à quantidade de palavras faladas, o tamanho da sentença, forma e outras características possíveis de se perceber. Assim, as crianças usavam essas diferenciações como suporte para a memorização das sentenças. Neste ponto, as crianças descobriam a natureza instrumental da escrita (registrar, guardar na memória, comunicar), através de suas representações pictográficas – utilização de desenhos como instrumento, como signos mediadores que representam os conteúdos das sentenças e lhes possibilitam a memorização.

Não sendo isso ainda satisfatório, as crianças, um quarto estágio, passaram a inventar formas de representar informações difíceis de serem desenhadas. Criaram, então, a escrita simbólica, ou seja, um círculo escuro para representar a noite, um retângulo azul para representar a piscina etc., chegando, por último, a uma simbólica culturalmente disponível. Aqui, já estavam inseridas no processo de alfabetização e já dominavam os mecanismos da escrita propriamente dita.

Luria ressalta, em seus textos, que esse percurso da criança é comum a todas elas e não um processo individual, e que ele é fruto da interação da criança com a língua escrita, seus usos no dia-a-dia e da comparação que ela faz com a escrita formal do adulto. Coloca, ainda, que as variações sofridas pelas crianças, nesse percurso, são decorrentes das experiências concretas vividas por elas.

Exemplificando: As crianças que têm mais oportunidades de contato com material impresso, livros, revistas, jornais, assimilam mais rápido o que é desenhar e escrever, fazendo distinção do que é texto e do que é gravura, podendo até mesmo pular a fase da representação pictográfica, por entender que desenho não é escrita. Em outras situações, as crianças podem usar apenas uma letra para registrar informações diferentes, como por exemplo: A para sapato, A para porta, e, assim, sucessivamente, a mesma letra para nomes de objetos diferentes. Isso acontece quando a criança ainda não compreende a função instrumental da escrita, usando a mesma letra como "marca" não-diferenciada.

Esse percurso demonstrado por Luria é mais fácil de ser observado em crianças de grupos culturais não-escolarizados (zona rural, periferias das grandes cidades, pais analfabetos, por exemplo), por que nas zonas urbanas as crianças possuem mais acesso aos conhecimentos de leitura e escrita no âmbito familiar ou nas escolas infantis/creches-escolas, além de estarem constantemente estimuladas pelos meios de comunicação, out-doors, faixas, letreiros, rótulos, propagandas, entre outros veículos. As crianças do meio urbano entram muito cedo na escola e estão em permanente contato com computadores, filmes, televisão, entre outros estímulos visuais e sonoros.

CONCLUSÃO

O grande desafio da alfabetização é respeitar o conhecimento que o aluno já possui quando se inicia na vida escolar. Só assim o ato de ler e escrever fará algum sentindo para a criança, pois a escola não é um mundo á parte, isolado do grupo cultural a que o aluno pertence. Muitos estudiosos e pesquisadores têm trabalhado na tentativa de compreender a elaboração do pensamento do ser que aprende como funciona o pensamento da criança e quando está aprendendo a ler e escrever.

Durante esta pesquisa foi possível perceber através das bibliografias consultadas que as idéias dos autores nos elucidam sobre a alfabetização na proposta sociointeracionista. Desta forma, pudemos colher que o aluno consegue se alfabetizar com a intervenção de um professor, pois este percebe que seu educando possui uma bagagem rica em conhecimentos que não deve ser desprezada e sim mediada para que ele chegue a se alfabetizar em um processo de conhecimentos.

A partir dessa proposta, os autores de "decifrar o mundo" apontam caminhos para que o professor e o aluno, juntos, descubram na leitura e na escrita uma maneira de criar e recriar o mundo.

Excelentes situações de Ensino e Aprendizagem de Alfabetização devem levar em conta que na vida cotidiana, as pessoas só escrevem, lêem, ouvem e falam porque tem boas razões para isso. Escreve-se para não esquecer; para comunicar-se com alguém distante; falase para transmitir informações; ouve-se para entender alguma coisa; lê-se para seguir uma instrução ou para aprender algo. O mesmo deve acontecer nas práticas de alfabetização. Por isso, são valiosas as atividades envolvendo anúncios, cartas, receitas, crônicas, poemas, noticias de jornal, estórias, verbetes de enciclopédias, em situações que façam sentido para as crianças. É importante que o trabalho com os textos familiarize os alunos com as diferentes possibilidades de uso e de manifestação da língua escrita e oral. Também é preciso estimular os alunos a usar as estratégias e habilidades de